

MUSEU HISTÓRICO DE ACARI
LEI 387/90 - 09 DE JUNHO DE 1990

P A S S A D A S D O A C A R I

ORIGEM E CONTEMPORANEIDADE

MUSEU HISTÓRICO DE ACARI

Fevereiro / 1996

INTRODUÇÃO

O jornalismo que se presta não consegue desvincular-se do apelo cultural. Não se liberta do determinismo histórico, quando se afasta do convívio escolar, procura combater de costas, mantendo a relação nutriente de suas raízes e assegurando os limites de sua dimensão histórica.

Esta é uma oportunidade recente de reaproximação de algumas vertentes caminhando de frente rumo às fronteiras necessárias. Aproveita-se pois, a trilha administrativa com que o Museu Histórico de Acari se consagra como entidade informativa cultural, oferecendo o ensejo de viajar de carona nos espaços vicinais do seu trabalho fecundo, tentando reagatar os compromissos e os limites de afinidades ainda persistentes no vivência avocativa do tempo atual.

Foi realmente, através dessas trilhas seguidas à luz da evidência e autenticidade histórica contida ou registradas na consulta bibliográfica e da pesquisa documental às fontes de maior credibilidade que estiveram no alcance da Equipe do Tour Interno do Museu Histórico de Acari.

VALENÇA DO ACARI - UNIMEM E CONTEMPORANEIDADE é um relatório sucinto e representativo de 06 (seis) fazendas no bairro obstinado de sua destinação histórica, ao registro da vida rural.

INDÍCIO

I - LOCALIDADE E FAZENDA RAJADA

II - FAZENDA INGÁ

III - FAZENDA PORTALEIRA

IV - FAZENDA PITOMBEIRA

V - OBSERVAÇÕES GERAIS

1 - LOCALIDADE RAJADA

A - DENOMINAÇÃO

O lugar denominado RAJADA é proveniente da serra do mesmo nome, conhecida na região seridoense por seus fatos relacionados a sonhos de botijas e portas secretas com pure vivo ou tãõ somente pela sua beleza natural. Outra versão sobre sua denominação é em virtude da presença de abelhas do tipo e nome Rajada, de grande produção de mel que servia de alimento para as grandes tribos das Tapuias, Paganas, Janduaís, Canindés da Nação Tapuíá.

B - MANIFESTAÇÃO HISTÓRICA E COLOMIZAÇÃO

1513 (11 de abril) - demarcação de terras pelo Provedor Real Teodócio de Orgesten Pacheco com ocupação da serra, do lugar Riocho das Carmelitas, ribeira de quintararé ou do Rio D'arara, tendo marco de pedras pretas até o aítio Anari.

1650 (15 de abril) - o Provedor Real do El-Rei e Agudante das Portuguezas realizou visita ao lugar das Carmelitas habitado por Tapuias, Janduaís, Canindés e Paganas, sendo oficialmente o primeiro contato com o homem branco. Ocorreu oferecimento de escravos, confiantes, com aproximadamente 15.000 (quinze mil) tapuias entre homens, mulheres e crianças.

1650 (28 de abril) - no vale Rajada, Domingos Jorge Velho deu forte combate aos índios matando mais de mil tapuias, prendendo aos franceses. Outros fugiram para a Serra de Algodão-d'água.

1670 - outras visitas ao vale sucederem ao alcaide da Serra de Rajada, entre os Tapuias e Janduaís da Nação Tapuíá e as tropas portuguesas de Domingos Jorge Velho, durante o período conhecido como Guerra dos Bárbaros ou Levante do Guriú Tapuíá que compreende-se ao ano de 1651 a 1720.

1724 (28 de maio) - a primeira Carta de Arrijo Pereira refere-se por

data de abertura parte do Bispo José de Almeida, que chegou por terra da Serra da Rajada, passando a ser proprietário da localidade de Rajada.

1768 - O Coronel Castano Dantas Coura (1º) casado com Josefa de Araújo Pereira, filha de Tomas de Araújo requereu terras na Carnada e na Rajada, passando para seu domínio a citada localidade.

1798 - Processado o inventário do Coronel Castano Dantas Coura (falecido em 1797), na localidade Vila do Povoado, a dita localidade sem benfeitoria alguma contou a importância em dinheiro de 300\$000, por compra ao falecido Brás Ferreira Bariel. Na partilha de bens, a Rajada foi dada a Francisca Xavier Dantas, filha de Castano, casada com João Crisóstomo de Medeiros. Na época não existia casa, apenas pastoreio de gado rebanhado pelo filho de João Crisóstomo, Eupácio Francisco Dantas.

1816 - Pelo inventário de João Crisóstomo de Medeiros na Vila do Acary processado por seu filho Sebastião de Medeiros Dantas aparece uma parte de terras na Rajada pelo valor de 37\$105. Supõe-se que o restante das terras deve ter sido distribuído aos herdeiros por parte da esposa Francisca Xavier Dantas.

Além da terra da Rajada, João Crisóstomo de Medeiros fez um inventário de seguintes bens:

- 01 Petras
- 01 Égua
- 30 Cabras
- 12 Coelhos
- 01 Poltrina

1811 (21 de julho) - O filho de João Crisóstomo de Medeiros e Francisca Xavier, Sebastião Dantas de Medeiros casou-se com Ana Joaquina, filha do Tenente Coronel Castano Dantas Coura (2º)

e de Izama Maria de Espírito Santo. Com a morte do pai, Gustavo recebeu parte da localidade de Rajada onde ficou morando, num simples sítio de criar gado, recebendo o apelido de Suetaninho da Rajada.

1892 - 1893 - Joaquim Paulino de Medeiros, o Coronel Quincó, casou-se com Maria Florentina de Jesus, filha de seu irmão Coronel Antônio Galvão de Medeiros e de Ana Rosa da Conceição, construindo uma casa na Faveação de Cayambá em 1913.

C - SURTIAMENTO DA FAZENDA RAJADA

De acordo com os dados em arquivos do cartório da Fazenda - FZ e na Biblioteca Donatila Dantas em Carnaúba dos Dantas, apresentadas por Pedro Artur Dantas e Raldar Alexandre M. de Macedo, a Fazenda Rajada foi criada entre os anos de 1892 e 1893 com o casamento de Joaquim Paulino de Medeiros, o Coronel Quincó com Maria Florentina de Jesus que compraram o sítio tendo apenas uma casinha humilde de taipa coberta de telhas e as cercas abertas nos cercos e curral. Toda localidade onde se instalou a Fazenda Rajada foi adquirida pelos terrenos pertencentes ao casal João Crisóstomo de Medeiros e Francisco Xavier Dantas (que foram sócios da Fazenda Palma) e dos herdeiros Manoel de Medeiros Dantas (Manoelzinho da Pitombeira) e sua mulher Maria José do Sacramento, além do casal Gustavo Dantas de Medeiros e Ana Joaquina de Medeiros.

D - REENVOLVIMENTO DA FAZENDA RAJADA

Fresca-se que o Coronel Quincó fez o seu curral antes de 1895. Ao lado da casa edificou um armazém para colocar o maquinário de dessecar algodão e outros apetrechos para os empregados da casa.

A riqueza de Quincó surgiu depois da morte de seu pai, onde herdou moedas de ouro, prata e dinheiro em papel, terras e criação. De posse desses bens, o Coronel Quincó tornou-se conhecido como homem endinheirado no Arari e sua fortuna era motivo de inveja no Baridó.

E - O COTIDIANO DA FAZENDA DO CORONEL QUINCÓ

A pecuária sempre foi fonte de riqueza na Fazenda Rajada. Dizia-se que criava-se quase 700 cabeças de gado

nos anos de bom inverno, na apertação das veadas e becerros, eram mais de 200 becerros ferrados. Em cessação de 1.900, começou o plantio de algodão na várzea da Rajada que era uma planície de terra fértil onde plantava-se arroz, milho, feijão, mandioca, macaxeira, variados tipos de frutas para o consumo dos moradores.

Nos anos de bons invernos, ocorria retirada para a Palma e lá fabricava-se os queijos e muita manteiga de gorda para distribuir com a família e amigos, enquanto os queijos maiores iam para o jirau à espera da Semana Santa. A comercialização das boiadas maiores ocorria em Itabé ou Itabó.

2 - A RIQUESA VISTA NA FARMENDA RAJADA

No grande inverno de 1924, nos dias de sol eram estendidos vários couros de boi no muro do caseirão e Quincó saía jogando notas de 500 \$ 000 mil réis para secar temendo dar o mofo. Os dinheiros de cobre e níquel eram guardados nos cantos de paredes ou detrás das portas.

Ouro e prata do tempo Imperial eram guardados no cofre com as notas maiores.

3 - FATOS QUE MARGARIM A FARMENDA RAJADA

1925 - próximo a Festa de Nossa Senhora do Guiné, o Major Estêvo Bezerra vendendo tecidos, perfumes e outros produtos pelas rúas e passando na Rajada falou para o Coronel Quincó que ia haver um recolhimento de dinheiro, especialmente as notas de 500\$000 mil réis.

Quincó foi ao cofre e resolveu trazer um pedaço de dinheiro. A contagem chegou até 150, faltando outros dinheiros misturados. Esse fato foi motivo de agitação entre Major Estêvo e um cidadão acariense novo teimoso que roçou em certo dia de feira no Acari. Desafiado para uma aposta de 10 gizes rotes em troca da existência de um possuidor de 100 notas de 500\$000 mil réis, dirigiram-se ao caseirão de Quincó da Rajada, tornando-se o Major Estêvo vencedor da aposta. Comprovaria então que a Fazenda Rajada era o centro da riqueza e fortuna em geral e o Coronel Quincó um homem bem abastado.

- HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO DE SANTO PADROEIRO DE S. MATEUS DOS
SANTAS - RIO JOSÉ DE BOZAS

Com a construção da primeira igreja de Carnaúba dos Sa-
ntas pelo Coronel Quincó e doação de sua primeira imagem ,
no dia 18 de março saiu uma caravana, um a cavalo e ou-
tros a pé rumo a Acari. No retorno à Rajada já esperava
uma manifestação com Banda de Música e Fogos-de-artifício com pro-
moção de novena e jantar oferecidos no caseirão. No cantar
da passarela, a alvorada dava aviso de que a imagem do
santo ia vindo para Carnaúba.

1924 - O ANIVERSÁRIO DOS 60 ANOS DO CORONEL QUINCÓ

Os parentes e amigos de Quincó organizaram uma festa de
surpresa, a começar pela alvorada no meio da Serra da Rajada,
e no alpendre começou o aniversário entre abraços,
lágrimas, parabéns com a celebração de uma missa, seguida
de café e festa.

1927 - (27 de Janeiro) - O ROUBO E TEMPORAL NA FAZENDA RAJADA

Na noite escurada, o Coronel Quincó saiu para presenciar
algum relâmpago. De repente avistou um vulto em direção
à sua morada. Em poucos instantes sua casa é invadida por
bandidos que trançaram o Coronel e seu filho na sala e do-
minaram e roubaram da família. De posse de uma carteira,
quebraram o cofre e se apoderaram dos dinheiros, papel, ou-
ros e pratos do tempo do Império. Por ação de seu filho Jo-
cô que agia junto ao delegado de Carnaúba dos Santos, ho-
venha confirmação de que o roubo tinha sido feito por Chi-
co Pereira ou os outros de Araújo.

O Coronel Quincó passou muitos paraisos sem entender, co-
m a parte de sua fortuna desaparecendo, além de passarem oc-
corrido com sua família.

Logo no dia triste, saiu um temporal de jovens negras que
devorou toda a riqueza de Quincó. Se foram objetos anti-
gos, heranças prezadas de José Martins, marrafa grande en-
crustada a ouro, corações, torço, anéis, relógio, teteins
tudo em ouro, além de jóias preciosas de alto valor comer-
cial compradas pelo casal.

II - FATOR DOLOROSO DA FAMÍLIA DO CORONEL QUINÓ

O Coronel Quinó costumava dizer que a Serra da Rajada era a mania dos seus olhos e dizia também que camuflava sua terra, pois ali nasceu, se criou, casou com seu pai, avô, bisavô, trisavô e ali queria morrer. Ninguém poderia imaginar que em poucos anos, tudo aquilo ia desaparecer de maneira tão cruel, trágica e dolorosa.

A família sempre acompanhou o Partido Liberal (o Tolo Bicho) e não demorou a vir perseguições sobre o filho João. Ele fugiu para Campina grande e passou vários anos longe da família e sofrendo. Para vir a sua terra, era um trajo de esmolar, roupa rasgada, barba grande, os pés do pulho amassado, cabelo grande.

Os dias iam passando e a família sentia a desmembramento dos bens. Surgiu questões mafiosas com estranhos, mortes, loucura. Com o estufo da Rajada, Dona Marioceta foi expulsa de sua casa pelo promotor Nicodemus Claudiano de Andrade, sendo expulsa sem ter o direito de tirar seus pertences. Ficou refugiada embaixo de um tamarinairo.

A família resolveu ir todos para o Sítio Grosso.

O Coronel Quinó faleceu numa madrugada fria do dia 03 de novembro de 1937, aos 88 anos de idade. Ele era um homem que não tinha vícios, mas que gostava. Somente com a família e os estudos parava para o pedreiro. No seu inventário a Fazenda Rajada continha com 800 braças de terra, 8 caixas de tijolos, sendo avaliado em 15.000.000 (quinze cento de réis).

I - A FAZENDA RAJADA NOS DIAS ATUAIS

A Fazenda Rajada pertence a Teodoro Alencar, viúva de José de Antônio Alencar de Favelha e seu filho Chiquinho. O Coronel Rajada continua edificando com pequenas reformas nas completamente alheio às grandes fortunas de Coronel Quinó.

II - FAZENDA TAGI

O Sítio ou Fazenda Tagi foi adquirido pelas exas de 1760 pelo Coronel Gustavo Santos Correia através de uma

de compra ao Senhor Diogo Velho de Carvalho, Licenciado da Capitania.

No inventário de Coronel Custódio Dantas Correia, o Sítio foi dividido em duas partes:

- uma coube ao Sr. João Felipe da Silva casado com Isabel da Rocha Neirelles;

- outra coube a António Tomas de Azevêdo casado com Ana Dantas Pereira.

Isabel da Rocha Neirelles e Ana Dantas Pereira eram filhas de Custódio Dantas Correia e Josefa de Araújo Pereira.

João Felipe da Silva e António Tomas de Azevêdo eram filhos de Francisco Gomes da Silva e Ana Teresa de Jesus.

Em 1798 as filhas de Custódio Dantas Correia residiam na localidade.

III - FAZENDA FORTALEZA.

A - DENOMINAÇÃO.

A Fazenda Fortaleza localizada numa extensão de terra com inensa beleza é vista por todos com a incorporação de duas qualidades que lhe são comuns: terra forte + terra bela.

B - INSTALAÇÃO DA FAZENDA.

Fertecente ao primeiro Prefeito de Acari Cipriano Bezerra Galvão Santa Rosa que nasceu na Fazenda Ingi, propriedade de seu pai. A sede da fazenda foi instalada em 1880, a casa grande em estilo Português e reformada em 1925. por sua edificação em tempos remotos, não se têm indícios de inscrições rupestres, sabe-se da existência de peças líticas encontradas como pilões, martelo e machados.

Supõe-se ter sido encontrada uma rótula de joelho de um animal pré-histórico, aproximadamente do tamanho da cabeça humana.

C - OS TRABALHOS REALIZADOS NA FAZENDA.

Considerada uma das melhores fazendas da região por ser produtora de diversas atividades econômicas com a experiência do plantio de arroz e trigo colhido em pequena escala como também a pesca.

Fels riqueza de seu potencial hidrográfico com a construção de quatro barragens de pedra-e-cal em pontos de curso d'água, de subolos rochosos e paredes de terra, um açude e quatro barreiros em lugares apropriados, além de tanques em lajeiros, todos destinados a armazenagem de água potável proveniente do período chuvoso na região. A ampliação dos reservatórios de água foi determinada pela abertura de dois açudes no leito do riacho Ingi que corta a fazenda.

A preocupação do proprietário na valorização da localidade com o aperfeiçoamento dos serviços de abastecimento d'água com bombas e encanamentos irrigatório foi criado um grandioso pomar com plantio de bananeiras, mangueiras com variedade de 12 espécies tendo uma que o fruto chegava a pesar 1.300 gramas, além de assegurar a utilização do solo para outras culturas.

para 1.000 gramas, além de assegurar a utilização do solo pa-
ra outras culturas. (ver anexo)

Todo material para as construções existentes desde a sua instala-
ção e no trabalho realizado de longa duração foi originado da Ca-
senha, cabendo ao proprietário a compra de sal.

Todos viviam bem na localidade. A produção tinha destino certo.
Os frutos eram consumidos pela família e moradores da fazenda.
Eram vendidas as bananas, cajus, cocos, mangas e as goiabas
que produziam em grande escala, transformavam-se em geleias,
que era e hoje muito apreciada por todos.

Outro impulso econômico de sustentação para o fortalecimento do
desenvolvimento da Fazenda foi a agricultura. O proprietário, que
nem só oportunizou a instalação de um decorequador na própria loca-
lidade exportando fardos de algodão. Houve também a implantação de
um engenho de açúcar para produção do açúcar, rapadura, melão e
uma casa de farinha e pavião de madeira.

A pecuária foi outro fator importante na Fazenda Portaleza. Grande
escala adotava a criação de gado bovino, ovino, caprino, cui-
no. O couro era especializado para confecção de indumentárias
dos vapores e calçados dos moradores, além da família du-
rante o ano todo.

Devido à presença de trabalho escravo e pelo bem tratado pelo pro-
prietário, a fazenda era detida de toda atividade de manutenção
como olaria, mercearia com o trabalho de pessoas vindas de
outras localidades.

Havia escolas para os moradores. Os filhos vindos para a
cidade estudavam em instituições para receber as pri-
meiras lições. De casa era enviado alunos de ciências, portua-
lês, francês e português para os estudos.

Os meios de transportes mais usados eram em forma de comércio em
mulas para o transporte da produção de melão-de-cheiro, milho,
melancia e jericó. Os grandes volumes eram levados em ca-
rros de bois.

Em casa a observação de espécies botânicas entre as pessoas que ha-
bitavam a localidade.

A comemoração mais participada era as festas juninas com foguetes, comidas típicas, salta de feijão. Já eram realizadas as festas de agracia de proprietários.

Na festa de Fátima recebia ilustres políticos em sua casa cuja acolhida preparava pratos típicos com produtos regionais como queijo de serião e manteiga da terra, guardados em grandes jirns.

De família tradicional no município de Igará tinha lugar de destaque com banca e tribuna no corpo da Igreja Matriz.

P. UMA DECISÃO QUE REVERTEU A HISTÓRIA DOS TRABALHADORES.

Grande parte dos trabalhadores da Fazenda Fortaleza era de - de - obra escrava entre negros oriundos de Angola e África. Quando se deu a assinatura da libertação dos escravos, todos os escravos que moravam na Fazenda já tinham suas cartas de alforria. No ato em que Cipriano assinou todos os negros em frente a casa grande para divulgar a grande notícia da libertação e explicando que a partir daquele momento eram homens livres e poderiam trabalhar para outros patrões sendo assalariados, todos choraram. A maioria não quisera sair, apenas um escravo foi para a Paraíba em busca da esposa, os mais velhos permaneceram na Fazenda dedicando seu trabalho nos afazeres do trabalho braçal por parte dos homens e as mulheres na fiação e confecção de renda de bilro, além de auxiliar na criação dos filhos do patrão. A partir daí, construíram cercões para o gado nas diversas fazendas compreendendo o total de oito. Grandes currais feitos com freixo de pau-a-pique e cercas de pedra foram usadas de trabalho implantado por grandes esmeraldas de acúmulo.

L. MUDANÇA DE DONATÁRIO.

Com o falecimento do proprietário da localidade, a Fazenda Fortaleza, após o ano de 1947 passou a ser denominada Fazenda Cardeal Santa Rosa em homenagem póstuma ao seu grande proprietário.

M. COLHEITA DE MILHO.

Grande casa da Fazenda com amarras, os velhos tucuruzeiros em frente de casa, as cercas de pedra e de arame farpado não

marcas deixadas na esquadra de tempo para a recordação dos familiares em visitas periódicas dos familiares. A ausência da Fazenda Fortaleza poupou-lhe a condição de forte apesar de continuar ainda bela.

IV- FAZENDA FITOMBEIRA.

Localidade em que se caracterizava pela existência de serra-
redo com o nome de Fitombeira ao longo do Riocho Fitombei-
ra, a Fazenda pertencia inicialmente a Manoelzinho, pas-
sando para Joaquim Servita. Em 1920, João Silvério de Ara-
újo comprou a propriedade a viúva Teresinha Servita.

Além de seus proprietários foi ocupada na exploração de
suas terras por Tobias Pires de 1938 a 1947, João Silvério
de 1948 a 1950, José Brito em 1958 além de Manoel Catin-
gueira, Lourival e Júlio Jamário.

Atualmente seu patrimônio pertence a Maria Beroulana de
Araújo Bonerra e Maria Fiel de Araújo, por herança do seu
pai João Silvério de Araújo. Antonio Adonís é proprie-
tário das terras que pertenciam a Maria Fiel de Araújo.

As edificações encontradas no contexto da localidade são
atribuídas ao seu primeiro proprietário Manoelzinho da
Fitombeira. A casa da Fazenda foi construída com telhas
e tijolos produzidos no local, a cal foi adquirida e sur-
tida com pouca em localidades próximas. Tinha como princi-
pais destaques: fogão de barro, cozinha de queijo, sótão,
armários embutidos para guardar alimentos, arcação. Foi
construída com tijolos, barro, cal e pedra. O piso é de
tijolo e pedra. A cobertura com madeira tirada da região
No período de ocupação por João Silvério foram realizadas
algumas modificações com: cozinha comum e de queijo, além
de ser usada.

Outra obra importante era a Casa dos negros que existia na
fazenda em estilo antigo, toda em madeira do tipo Aracari,
argila e pouca de arca, trabalhada em 4 faces.

Os currais são de pau-a-pique com madeira serrada e desmontada e as cercas em pedra, varas e arame já no estilo mais recente. Toda região da fazenda conta com uma bacia hidrográfica conta com 2 riachos, 1 açude, 3 barragens e uma caxiaba para o abastecimento dos animais.

As atividades econômicas do passado eram sustentadas pela pecuária com produção para o consumo e venda de carnes de ovinos, suínos, avos, peixes e bovinos, além do queijo e manteiga. Criava-se em média 100 bovinos, 50 ovinos além de cavalos, burros, jumentos para montaria.

A produção de feijão, milho, arroz, batata, algodão e plântio de capim para alimentação animal asseguravam a parte da agricultura.

Os recursos humanos que viviam na fazenda era em média de 15 pessoas que tinham como alimentação básica bolos, comida de lã, legumes e frutas da própria localidade.

As mulheres ocupavam-se das afazeres domésticas, das costuras, bordados, serviços de apoio a agricultura e pecuária que eram realizados pelos homens.

Podemos registrar alguns usos e costumes que eram observados em todos os moradores da fazenda Pitombeira como:

1- As manifestações religiosas eram Igreja Católica-romana-se terços durante todos os dias do mês de maio, com queima das flores que enfeitavam o oratório, recitava-se o ofício de Nossa Senhora nos dias de sábado, à noite.

Era comum fazer promessas por curas alcançadas. Existia regularmente a celebração do Dia de Santa Luzia com terço rezado para a proteção da visão.

2- As festas familiares como encontros eram feitas com muitos convidado, para isso abatia-se uma rês para atender as refeições de almoço ou jantar. Havia bailes, com sanfoneiro, que se estendia até a meia noite.

3- Algumas curas serviam de ponto de apoio onde dava-se abrigo na forma de derrada (inclusive sob árvores) e alimen-

tação a pessoas passageiras, tropeiros ou matutos que per-
curso entre o brejo Paraibano e as cidades de Craveira, Flo-
de matuto, ligando a cidade de Carnaúba dos Dantas com estrada

4- A iluminação usada pelos moradores era com fósforos,
lampiões e candieiros alimentados por querosene.

5- As necessidades básicas dos habitantes eram supridas
Acari, onde vendiam-se queijo e manteiga por meio de encasernia.
Os produtos vendidos como o queijo era vendido nos um ferro
quente no formato de um coração e a manteiga era utilizada
na identificação dos animais. A fabricação de queijo era obtida
sua com mão-de-obra caseira. No preparo usava-se um implemento
tipo ferro de passar roupa, para tornar o queijo liso e sem apar-
ras.

6- Era comum toda família fazer quatro refeições diá-
rias em horários específicos como:

- 7 horas - café
- 9 horas - almoço
- 15 horas - jantar
- 19 horas - ceia

7- Nas residências eram comuns a utilização de bucos,
tambores, mesas, malas, cantareiras, potes, copelras, máquinas de
costura de mão, armário para louça, jirau. Inexistia rádio e re-
lógio. Os objetos de valores eram guardados em caixotes com cha-
ves de alame.

8- No atendimento a educação era diferenciada para os
sexos: os homens quando adultos descolavam-se diariamente até o
local da sala de aula, enquanto as mulheres permaneciam na ci-
dade durante o período escolar. Outra opção adotada era a de uma
professora residindo na localidade.

9- A maioria das pessoas que adoeciam eram tratadas com
remédios comuns como Lomboclor, mirapex, cloro, homeopáticos e os
casos mais graves, deslocavam-se para Acari por meio de animais,
carros ou releu.

10- Acreditava-se na existência de fornos através da lousa-
deve escavação na cozinha do casa da fazenda feita por Jaco-
Eliao, uma antiga muradora, encontrando-se apenas sinais de esca-
vação já feitas.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A pesquisa documentária contada e registrada na consulta bi-
bliográfica do documentário FAZENDAS DO ACARI-ORIGEM E CONTEMPORANEA-
RIDADE formaliza uma espécie de incursão ou reencentro às ocu-
rrentes historiográficas que partem das origens e chegam à contem-
poraneidade das décadas e anos, num longo percurso que através
mais de três séculos de existência, nesse instigante itinerário,
pessoas e acontecimentos se fundam e se identificam através de
sua formação política e cultural.

Nessa visão retrospectiva das origens primitivas das fazendas
Rajada, Ingi, Portalega e Pitombeira nos encontramos em pleno sé-
culo XVII, quando sedimentaram os alicerces do que seria uma ci-
vilização de características agrária e pastoril, a demonstração da
leia de famílias e de terras fiéis ao seu destino.

COMO CITAR

ACARI. Prefeitura Municipal. Museu Histórico de Acari. **Fazendas do Acari:** origem e contemporaneidade. Acari: [s.n.], 1996.